

Das faunas às populações – Reflexos islâmicos do Castelo de Paderne

Vera Pereira*

Universidade de Coimbra, CEAUCP

Artigo submetido em
17/Dez/2012

Artigo revisto em
13/Mar/2013

Artigo publicado em
05/Ago/2013

Palavras-chave:

Zoarqueologia

Islâmico

Castelo de Paderne

Resumo

O trabalho aqui apresentado tem como objecto de estudo os restos faunísticos recuperados do Castelo de Paderne, provenientes de contextos islâmicos. O principal objectivo prende-se com a contribuição para o conhecimento acerca da dieta alimentar das comunidades humanas e manipulação antrópica dos animais. A amostra apresenta interessante variedade de espécimes raros como o urso mas, por outro lado, também corresponde ao esperado para a cronologia em questão, com a identificação de ovicaprinos, lagomorfos e galiformes, entre outros. É de notar a ausência de bovídeos, em contraste com a presença de restos compatíveis com javali.

1. Introdução

O sítio arqueológico Castelo de Paderne situa-se no distrito de Faro, concelho de Albufeira, freguesia de Paderne (Figura 1), nas coordenadas rectangulares M – 194060 e P – 21290, segundo a Carta Militar de Portugal nº 596 de Algoz (Silves), escala 1:25.000, do Instituto Geográfico do Exército, edição de 1980.

De construção almóada em taipa militar, com planeamento urbanístico prévio, afigura-se como um dos últimos refúgios do domínio muçulmano em território português, de conquista difícil e alvo de várias tentativas, até à sua tomada pelos Cavaleiros da Ordem de Santiago, sob o comando de D. Paio Peres Correia, entre 1247 e 1250, com o extermínio da população que lá residia (Lopes, 1844, p. 42), seguindo-se uma ocupação de menor intensidade.

O trabalho aqui apresentado tem como objectivo estender o conhecimento desta última vaga de gentes árabes para além das estruturas que os serviram, tendo como base os restos faunísticos recuperados aquando das escavações arqueológicas.

2. Contextualização arqueológica

Os trabalhos arqueológicos no local iniciaram-se

em 1987, por Helena Catarino, de modo a proceder a limpezas nos tramos de muralha e torre albarrã, e realizar sondagens estratigráficas de diagnóstico (Catarino, 1994, p. 75-74).

Em 2002 inicia-se a segunda fase de escavações arqueológicas, com a realização de três campanhas de trabalhos, dirigidas por Helena Catarino e Isabel Inácio, cujo término se deu em Dezembro de 2005. Objectivou-se escavação arqueológica, limpeza, consolidação e recuperação das estruturas edificadas, e estudo do sítio arqueológico.

As escavações permitiram a identificação de seis fases de ocupação distintas, três das quais de contextos islâmicos – fases I (estruturas negativas que poderão corresponder a uma utilização do espaço contemporânea à construção do castelo, para o assentamento de andaimes, cuja data de fundação continua ainda incerta mas que se pensa incidir entre o primeiro quartel do século XII e meados do mesmo), II (entre meados do século XII até ao 2.º quartel do século XIII, com a construção de habitações, arruamentos e canalizações de características e ocupação em época almóada e nas terceiras taifas) e III (pequenas remodelações nas casas islâmicas e nos espaços de

* Autor de contacto: Vera Pereira | Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras, Largo da Porta Férrea, 3004-530 Coimbra, Portugal | vera_lcpereira@yahoo.co.uk

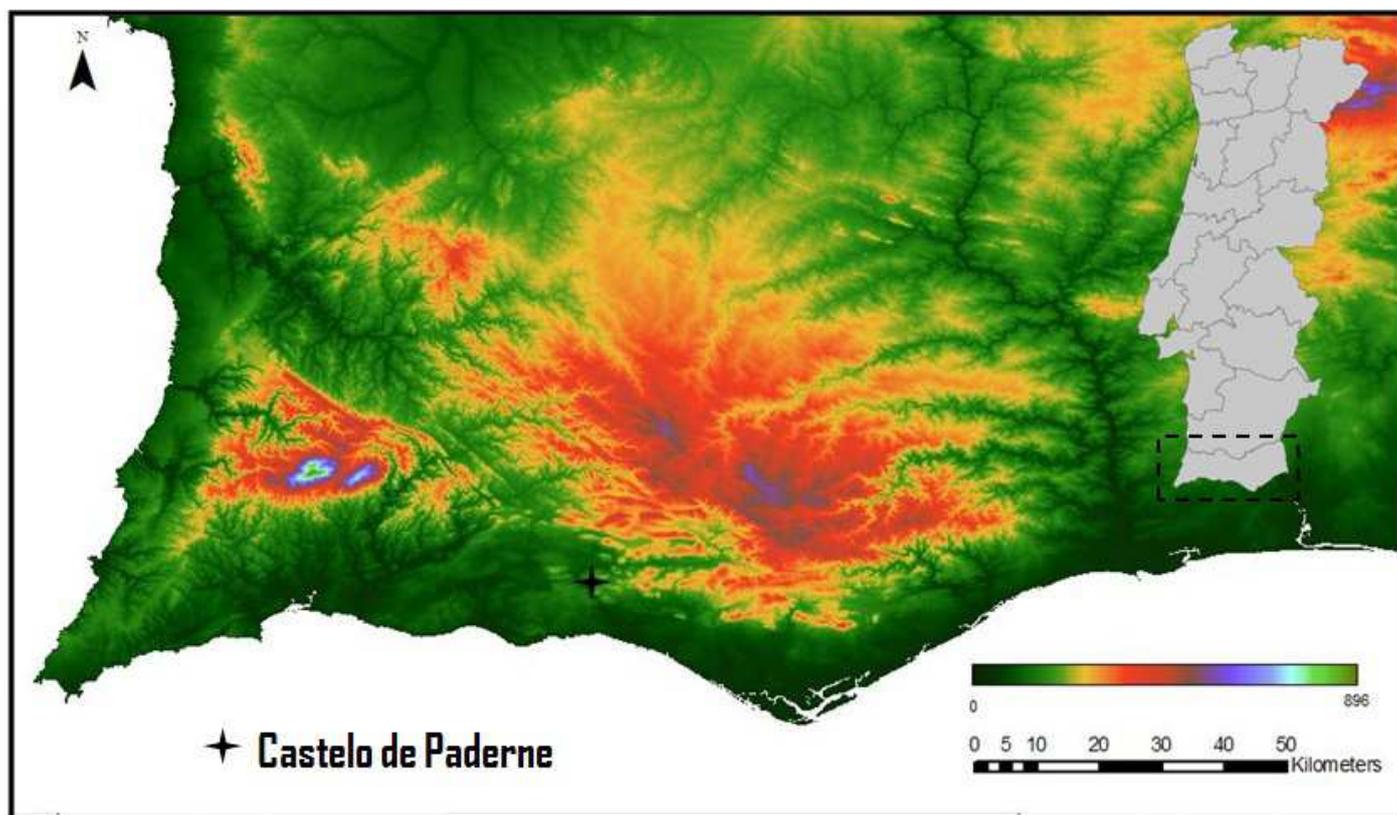


Figura 1: Localização do Castelo de Paderne.

circulação – segunda metade do século XIII até meados do XIV). O estudo aqui apresentado reporta-se à colecção faunística recuperada destes contextos. Objectivou-se o estudo de Unidades Estratigráficas (UE) de cronologia segura, atestada pelas estruturas habitacionais, contextos e espólio exumado.

3. Pressupostos metodológicos

A análise faunística teve como base um registo com campos pré-definidos, no qual foram observados todos os fragmentos ósseos, mas apenas se registaram os restos que se enquadram na metodologia PoSAC de [Simon Davis \(1992\)](#) – registo dos fragmentos articulares distais procedentes do esqueleto apendicular, com mais de 50% da superfície óssea presente, mandíbulas e dentes mandibulares, tal como elementos osteológicos únicos e distintos ao nível da espécie ou com características especiais, como por exemplo patologias.

Os critérios utilizados para base de dados privilegiam a proveniência da amostra: sítio, ano, sector, quadrícula, UE e n.º de saco, tal como o registo de toda a informação relativa ao elemento ósseo em si: taxa, elemento, porção, lado, estado de fusão epifisária e idade, e a identificação de possíveis marcas tafonómicas devidas à acção animal, antrópica e/ou físico-química. Quando possível, foram tiradas medidas osteométricas com paquímetro digital, segundo

parâmetros descritos por [A. Von den Driesch \(1976\)](#) e [S. Davis \(1996\)](#). Por fim assinalaram-se outras observações relevantes, como por exemplo patologias.

A identificação taxonómica teve como apoio a colecção osteológica do Laboratório de Arqueociências da actual DGPC e manuais base, como o *Atlas of Animal Bones* de [Elisabeth Schmid \(1972\)](#), e ainda artigos de especialidade referentes à difícil identificação de espécies similares, nomeadamente a ovelha e a cabra.

4. Resultados

4.1. Caracterização da amostra

O conjunto faunístico é bastante reduzido, com um Número Total de Restos de apenas 536 fragmentos, sendo que, destes apenas se conseguiram determinar taxonomicamente 94 ossos, 70 dos quais constituem elementos apendiculares e 24 são caracterizados por dentes e mandíbulas ([Figura 2 e Tabela 1](#)).

RÉPTEIS

Cágado-mediterrânico/comum (*Mauremys leprosa* – MAL)

Animal cuja presença foi identificada através de quatro elementos de carapaça e de plastrão, com representação percentual de 4,3 % da amostra total e o Número Mínimo de Indivíduos (NMI) de um.

MAMÍFEROS

Lebre (*Lepus sp.* – LE)

Identificação única de fragmento de diáfise de fémur esquerdo, de animal adulto.

Coelho (*Oryctolagus cuniculus* – ORC)

Taxon numericamente melhor representado, com 21 restos osteológicos, correspondentes a 22,3% da totalidade. A nível anatómico evidenciam-se os elementos apendiculares anteriores, nomeadamente os úmeros esquerdos, que permitiram a determinação de um NMI de sete. Deste modo, esta espécie está não só numericamente e percentualmente bem representada como é também o animal com o maior número de espécimes identificados. De difícil distinção é perceber se provêm de animais domésticos ou selvagens.

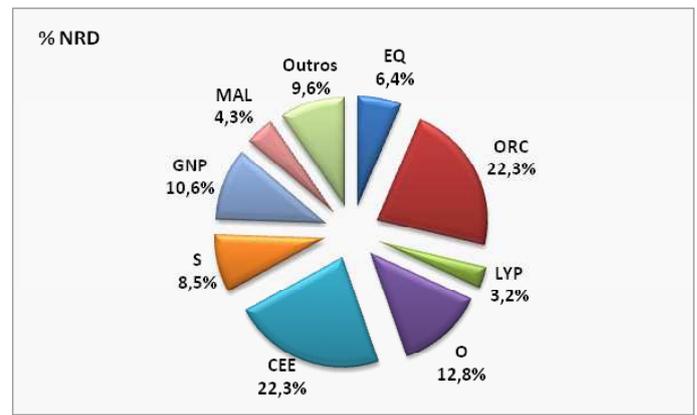


Figura 2: Percentagens de espécies (EQ – cavalo; ORC – coelho; LYP – lince; O – ovicaprino; CEE – veado; S – javali; GNP – galinha, galinha-d'angola e faisão; MAL – cágado mediterrânico; Outros – texugo, urso pardo, cão, gato, lebre, golfinho, abutre-preto, e ave de rapina diurna).

Elemento/Dente	Coelho	Lince	Cavalo	Javali	Veado	Ovicaprino	Galiformes	Cágado	Outros
dp4					1	1			
P4				1	2	2			
M1					2	3			
M2				2	1	1			
M3				2	1				
M1/2				1	1	1			
Mandíbula									1 (FEC) / 1 (CAF)
Vértebra									1 (DEL)
Escápula	2				2		1		
Úmero	7				1	2	2		
Rádio		1	1		1				1 (AEM)
Ulna							3		2 (MEM)
Metacarpo	2				1				1 (URA)
Carpo metacarpo							1		
Fémur	4				2				1 (LE)
Tíbia					1	1			
Tibiotarso							1		
Calcâneo	2	1	1		2	1			
Astrágalo			1						
Metatarso	3		1						
Tarso metatarso							2		
1. ^a Falange			1		2				
2. ^a Falange				2					
Falange ungual									1 (AC)
Metápodo	1	1	1		1				
Carapaça								3	
Plastrão								1	
NRD	21	3	6	8	21	12	10	4	9

Tabela 1: Número de restos determinados (NRD). A coluna "Outros" refere-se a: FEC – gato doméstico, CAF – cão doméstico, DEL – golfinho, AEM – abutre-preto, MEM – texugo, URA – urso pardo, LE – lebre, e AC – ave de rapina diurna.

Gato doméstico (*Felis catus* – FEC)

Espécie representada por mandíbula de animal adulto, com um NMI de um. Devido à extrema semelhança entre gatos domésticos e bravos, a identificação do resto osteológico exumado provou dificuldade acrescida. Na tentativa de se fazer a distinção entre as subespécies utilizou-se como base de comparação os dados osteométricos do primeiro molar inferior (M1) de felinos domésticos provenientes da lixeira do arrabalde oriental de Silves, que permitiram medições de comprimento e espessura (Davis *et al.*, 2008, p. 204-205). Assim, em comparação com os dados de Silves, não parecem existir alterações significativas de tamanho, já que o espécime identificado se apresenta menor do que os silvenses – 6,7mm L (comprimento), 3mm B (espessura) –, pelo que se presume ser gato doméstico.

Lince ibérico (*Lynx pardinus* – LYP)

Felino reconhecido através de três elementos apendiculares, nomeadamente um rádio direito, um fragmento distal de metápodo e um calcâneo esquerdo, ambos com marcas de corte (Figura 3). Com um NMI de um animal adulto, representa 3,2% da amostra exumada. Embora se presuma frequente para a cronologia em questão, na bibliografia consultada não se reconheceram paralelos.

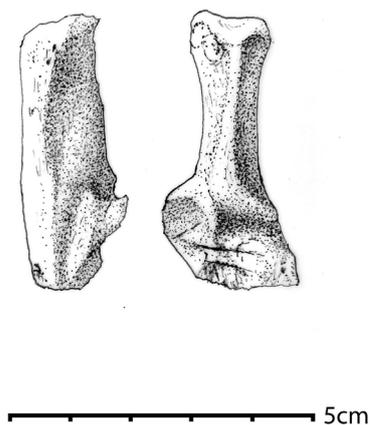


Figura 3: Calcâneo de lince com marcas de corte.

Cão doméstico (*Canis familiaris* – CAF)

Apesar de ser considerado animal impuro pelos muçulmanos e evitada a sua companhia, é de presença comum nos sítios arqueológicos desta cronologia, em pequenas proporções. Exumou-se um fragmento de mandíbula, que permitiu medições no dente carniceiro e que se pensa pertencer a cão doméstico, com um comprimento de 18,2mm e espessura de 7,6mm. A presença destes carnívoros

comensais do homem está ainda comprovada devido ao reconhecimento de fragmentos osteológicos com marcas de roído.

Urso pardo (*Ursus arctos* – URA)

Animal de grande porte, identificado por metacarpo do antímero esquerdo, completo, sem qualquer marca de manipulação antrópica (Figura 4).

Embora de reconhecimento raro, no Sítio da Portela 3 identificou-se uma terceira falange (Pereira, 2011, p. 70) e em Tavira recuperou-se um metacarpo (Covaneiro e Cavaco, 2012, p. 272). A identificação de apenas metápodos e falanges nestes sítios arqueológicos sugere que a presença deste animal pode provir da caça para uso da pele, onde os membros anteriores e posteriores ainda estariam inclusos quando foram comerciados ou transportados para as povoações. Sem a identificação de outros elementos ósseos ou marcas associadas ao consumo, não há provas do emprego alimentar desta espécie nos sítios arqueológicos de período muçulmano em Portugal, sendo que em época cristã o consumo de patas de urso era tido como iguaria reservada às elites (Cardoso e Fernandes, 2012, p. 230).



Figura 4: Metacarpo de urso pardo.

Texugo (*Meles meles* – MEM)

Pequeno carnívoro identificado através de dois elementos de ulna, um de juvenil (não epifisionado) e o segundo de animal adulto com marcas de corte, conferindo-lhe um NMI de dois. A sua presença poderá resultar da captura para aproveitamento da pele. Pouco comum nas colecções islâmicas estudadas, foram recuperados dois fragmentos de mandíbulas no Sítio da Portela 3 (Pereira, 2011, p. 69).

Cavalo (*Equus caballus* – EQ)

Espécie de ungulado identificado através da recuperação de seis elementos apendiculares posteriores: astrágalo direito, calcâneo direito, fragmento de metacarpo, uma primeira falange e fragmento esquerdo de rádio, e ainda, um resto ósseo de metápodo cuja espécie não foi possível aferir mas que se coaduna com as restantes, pelo que pensamos ser também de cavalo (Figura 5). Com um NMI de um, representa 6,4% da amostra, onde metade dos fragmentos apresentam marcas de corte que podem ser resultado da remoção de pele e/ou consumo deste animal. Este facto poderá dever-se aos períodos de cerco prolongado à fortificação, o que deverá ter contribuído para fome e uso deste para suprir as necessidades primárias.

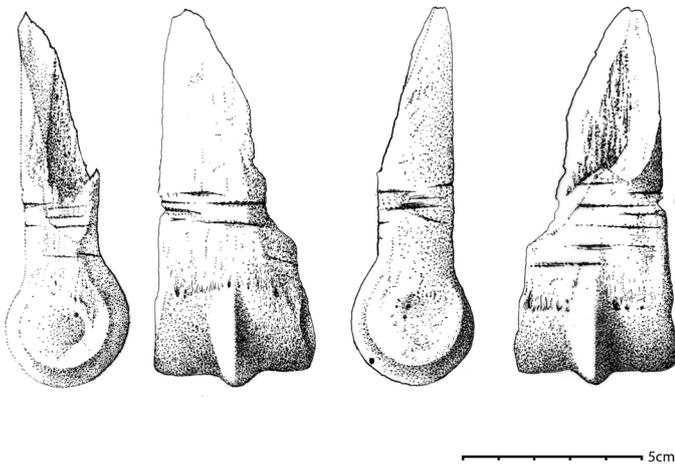


Figura 5: Metápodo de equídeo, possivelmente de cavalo (*Equus caballus*).

Javali (*Sus scrofa* – S)

Espécie identificada com a recuperação de oito fragmentos (duas segundas falanges e seis dentes), constituindo 8,5% da amostra e apenas um como NMI.

De presença muito polémica nos sítios arqueológicos desta cronologia, devido à proibição do seu consumo nas normas de alimentação do Alcorão, não é invulgar a sua identificação, quer de proveniência doméstica quer selvagem. Nestes casos, as medidas osteométricas podem auxiliar uma identificação mais fidedigna. Segundo Payne e Bull (1988, p. 39,42) e Albarella *et al.* (2009, p. 108), devem-se tirar três medidas nos M3, de modo a distinguir entre o porco doméstico e o javali.

Identificaram-se dois terceiros molares passíveis de se tirar medidas: L – 46mm e 46,1mm; WA – 18,5mm e 19,3mm; WC – 19,1mm e 17,7mm; WP – 14,2mm

e 14,8mm. Assim, as medidas dos exemplares de Paderne parecem coincidir com as medições apresentadas da Alcáçova de Santarém (Davis, 2006, p. 26-28), relativas a javalis e, aliados a um fragmento de maxila com presa ainda *in situ* (Figura 6), foram cautelosamente identificados como pertencentes a javali.



Figura 6: Fragmentos de mandíbula e maxila de javali, UE 82.

Veado (*Cervus elaphus* – CEE)

Espécie cinegética de grande porte e de frequência assídua em contextos islâmicos, com representação percentual de 22,3% e recuperação de 21 fragmentos ósseos. Ostenta representatividade anatómica ligeiramente melhor exposta pelos membros apendiculares posteriores, permitindo o cálculo de um NMI de dois, através da identificação de dois calcâneos direitos.

Ovicaprinos (*Ovis/Capra* – O)

De elevada frequência em sítios islâmicos, os ovicaprininos costumam apresentar preeminência relativamente à maioria das espécies. Com 12 elementos identificados, maioritariamente fragmentos de mandíbulas, consistem em 12,8% da colecção e um NMI de dois (pelo menos uma ovelha e uma cabra), ficando um pouco aquém das expectativas hegemónicas.

Golfinho (Família *Delphinidae* – DEL)

Cetáceo identificado através de vértebra não fusionada, com marcas de corte fino no processo transversal e marcas de corte profundo no corpo (Figura 7). Embora invulgar nas colecções faunísticas conhecidas desta cronologia, foi identificado um paralelo, também *vertebrae*, de animal jovem, em

contextos islâmicos da Alcáçova de Santarém (Davis, 2006, p. 31). No Ribât da Arrifana foi ainda recolhido um fragmento ósseo de *Cetacea*, cuja espécie não foi designada (Antunes, 2007, p. 84-85).

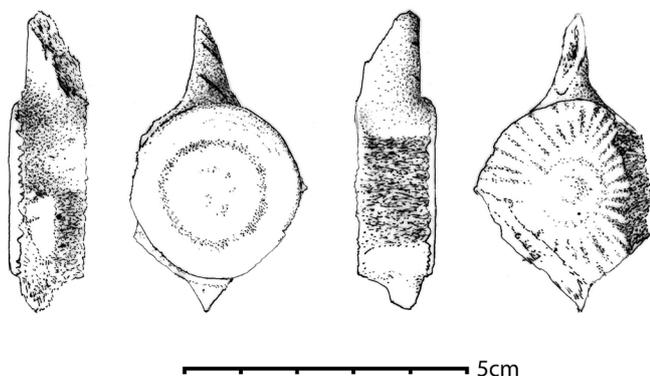


Figura 7: Fragmento de vértebra de golfinho juvenil, com marcas de corte.

AVES

Ave de rapina diurna (Família *Accipitridae* – AC)

Família representada por uma falange ungual, cuja espécie não se conseguiu determinar (Figura 8).

Abutre-preto (*Aegypius monachus* – AEM)

Espécie representada no Castelo de Paderne, através da identificação de um fragmento proximal de rádio, de ave adulta.

Galinha, Galinha-d'angola, Perdiz (*Gallus*, *Numida*, *Phasianus* – GNP)

Devido à extrema semelhança entre espécies, optou-se por agrupar os galiformes que não se conseguiram distinguir. Estes estão caracterizados através de dez restos, dois como NMI (determinado através de dois úmeros esquerdos) e uma frequência de 10,6% no conjunto osteológico.

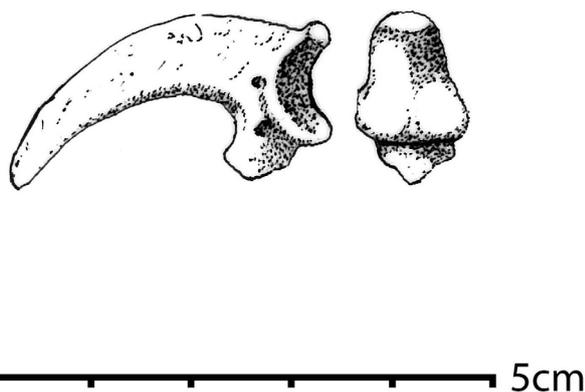


Figura 8: Falange ungual de ave de rapina diurna, UE 65.

4.2 Idade do Abate

Relativamente aos elementos apendiculares, constata-se a grande superioridade de epífises fundidas com as respectivas diáfises, sendo que estes correspondem a animais adultos. Também os dentes revelam predomínio de animais em idade adulta, aferição possível devido à presença quase exclusiva dos dentes definitivos.

4.3. Tafonomia

A amostra revela-se em bom estado de conservação, sem sinais significativos dos agentes atmosféricos e com marcas da corrosão provocada por raízes, pelo que podemos inferir uma eliminação rápida dos desperdícios alimentares. São também visíveis escassas marcas da acção de carnívoros, com sinais de roído e de punções provocadas pelos dentes caninos, que corroboram o despejo dos restos em locais designados, pouco acessíveis a animais comensais. Por outro lado, são raros os fragmentos que apresentam sinais de fogo, quer de confecção quer de tratamento de lixo. Alguns elementos apresentam marcas de cutelo e de corte fino que sugerem a manipulação antrópica das carcaças ao esfolar, descarnar e para cozinhar.

A fracturação óssea compreende sinais característicos da fractura do osso ainda fresco e os cortes transversais de cutelo nos elementos apendiculares e também no esqueleto axial, aliados à escassa acção do fogo, são marcadores claros da manipulação destes para a confecção de guisados e ensopados de cozedura lenta, como principais métodos de preparação alimentar.

5. Considerações finais

Devido à dimensão da amostra torna-se difícil a caracterização desta população. O número de ossos exumados das camadas de abandono e lixeiras das populações almóadas é bastante reduzido, em contraste com o elevado conjunto faunístico correspondente ao período medieval-cristão. Provavelmente correspondem ao período de conquista do castelo pelos cristãos, com o extermínio total dos habitantes árabes e consequente término da ocupação islâmica do castelo. Podemos estar perante uma limpeza das casas após a conquista cristã para nova habitação ou possíveis lixeiras poderão situar-se no exterior da fortificação ou em área interior não escavada.

Certo é que o carácter defensivo do arqueossítio restringiria não só o número de habitantes efectivos como também a gestão dos recursos alimentares, nomeadamente o espaço reservado para cativo dos animais, sendo esse o motivo mais provável da

ausência de bovídeos.

A variedade de espécies existentes na amostra denota uma interessante presença de animais de identificação involgar em colecções afins, como são o caso do golfinho, urso, texugo e aves de rapina. O porquê ainda está por descortinar.

Por outro lado, é possível inferir o recurso a animais domésticos nos restos de alimentação, como ovelhas, cabras e galiformes, com uma clara preponderância da caça e consumo de espécies cinegéticas, como são exemplo o veado, o javali e, possivelmente, o coelho-bravo.

Quanto a restrições de cariz religioso, é difícil perceber se o resto de canídeo encontrado pertenceu a um espécime que seria residente na fortificação ou apenas de carácter comensal, pertencente a uma povoação vizinha não muçulmana, que acabou por fazer parte do registo arqueológico por motivos desconhecidos. Quanto ao consumo de suínos, para já, foi posta de lado a utilização de porco doméstico e, com a identificação de apenas um espécime de javali é difícil saber se este foi consumido e se era frequente o seu aproveitamento. As populações almóadas tendem a ser muito rígidas nos cumprimentos dos preceitos do Islão e é deveras interessante perceber esta relação aqui identificada, se frequente ou motivada por períodos de carência alimentar.

Sem qualquer dúvida, mais informação é necessária para responder a estas e outras dúvidas, o que motivaria outras campanhas de escavações arqueológicas e recolha de espólio, em especial, faunístico.

Agradecimentos:

Bolsa de Doutoramento Individual SFRH / BD / 77256 / 2011, pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), no âmbito do QREN - POPH - Formação Avançada, participado pelo Fundo Social Europeu e por fundos nacionais do MEC.

Referências bibliográficas

Albarella, U., Dobney, K., Rowley-Conwy, P., 2009. Size and shape of the Eurasian wild boar (*Sus scrofa*), with a view to the reconstruction of its Holocene history. *Environmental Archaeology* 14(2), 103-136.

Antunes, M.T., 2007. Ribãt da Arrifana: estudo arqueozoológico. Ribãt da Arrifana: Cultura material e espiritualidade. Aljezur Associação de Defesa do

Património Histórico e Arqueológico, Aljezur, pp. 83-86.

Cardoso, J.C., Fernandes, I., 2012. A economia alimentar dos muçulmanos e dos cristãos do Castelo de Palmela: um contributo. *Arqueologia medieval* 12, 211-233.

Catarino, H., 1994. Castelo de Paderne (Albufeira): resultados da primeira intervenção arqueológica. *Arqueologia Medieval* 3, 73-87.

Covaneiro, J., Cavaco, S., 2012. Comer em Tavira. Análise dos restos faunísticos do sítio do Parque de Festas (Tavira). *Actas JIA 2011 – IV Jornadas de Jovens em Investigação Arqueológica. Promontória Monográfica 16, Vol. I. Universidade do Algarve, Faro, pp. 269-276.*

Davis, S., 1992. A rapid method for recording information about mammal bones from archaeological sites. *Ancient Monuments Laboratory Report 19/92. Historic Buildings and Monuments Commission for England, London.*

Davis, S., 1996. Measurements of a group of adult female shetland sheep skeletons from a single flock: a baseline for zooarchaeologists. *Journal of Archaeological Science* 23, 593-612.

Davis, S., 2006. Faunal remains from Alcáçova de Santarém, Portugal. *Trabalhos de Arqueologia* 43. Instituto Português de Arqueologia, Lisboa.

Davis, S., Gonçalves, M.J., Gabriel, S., 2008. Animal remains from a Moslem period (12th/13th century AD) lixeira (garbage dump) in Silves, Algarve, Portugal. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 11(1), 183-258.

Driesch, A. von den, 1976. A guide to the measurement of animal bones from archaeological sites. *Bulletin 1. Peabody Museum Press/Harvard University, Cambridge.*

Lopes, J.B., 1844. Relação da derrota naval, façanhas, e sucessos dos cruzados que parti'rão do escalda para a terra santa no anno de 1189. *Academia Real das Sciencias de Lisboa, Lisboa.* In: Matos, M. (Ed.), *A cidade de Silves num itinerário naval do século XII por um cruzado anónimo – Fac-simile da edição por João Baptista da Silva Lopes.* Edições Távola Redonda/Câmara Municipal de Silves, Lisboa.

Payne, S., Bull, G., 1988. Components of variations in measurements of pig bones and teeth, and the use of measurements to distinguish wild from domestic pig remains. *Archaeozoologia* 2, 27-65.

Pereira, V., 2011. Estudo Zooarqueológico de Comunidades Islâmicas do Algarve. *Dissertação de Mestrado, Universidade do Algarve.*

Schmid, E., 1972. *Atlas of Animal Bones.* Amsterdam-London-New York, Elsevier Publishing Company.